

ANGRINANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995. Parte I: Sensacionalismo na Comunicação. p. 13-51. (introdução e capítulo 1)

CHARAUDEAU, Patrick. As Mídias são manipuladoras? In: **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 251 – 277.

Lucimara Grando Mesquita

lucigrando123456@hotmail.com

O livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* do autor Danilo Angrimani é o resultado de uma tese de doutorado dividido em três partes, o texto do qual falaremos nessa resenha é: *Sensacionalismo na Comunicação*, no qual o autor inicia com uma definição do que é sensacionalismo, como o senso comum o enxerga e quais suas características. Já o texto, *As mídias são manipuladoras?* faz parte do livro *Discurso das mídias* e é uma publicação do pesquisador Patrick Charaudeau para problematizar a relação entre as mídias e a sociedade. Os dois textos se destinam ao estudo da mídia no que se refere a manipulação e ao sensacionalismo e como a instância midiática interfere na sociedade.

No texto, *As mídias são manipuladoras?*, Charaudeau (2006) discorre sobre a crença de muitas pessoas ao acreditarem no poder manipulador da mídia, assim como, criticam a corrida que ela faz em busca de uma notícia e muitas das vezes remetem a ela acusações de alimentar rumores buscando sempre mostrar o lado negativo das mídias. Segundo o autor, para haver manipulação é preciso que o manipulado entre no jogo sem perceber, ou seja, alguém engana outro alguém sem que ele perceba que está sendo enganado. Nesse sentido, o que ocorre é diferente, uma vez que as mídias não têm a vontade de enganar e nem as pessoas aceitam tudo sem criticar. Para ele, “as mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem, e, muitas vezes, são elas próprias vítimas de manipulações de instâncias exteriores.” (CHARAUDEAU, 2006, pág. 252).

Por outro lado, Angrimani (1995) em seu texto *Sensacionalismo na Comunicação*, caracteriza os meios de comunicação como sensacionalistas por supervalorizarem as informações e exagerarem na cobertura dos fatos. O autor ressalta que “é na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas” (pág. 17). Porém, Charaudeau (2006) argumenta que o cidadão tem o direito de escolher o que quer assistir e aceitar ou não o que a mídia lhe impõe. Dessa forma, podemos observar posicionamentos diferentes dos dois autores quanto a influência da mídia e veracidade dos fatos, no entanto, o raciocínio de Charaudeau parece-me

o mais provável, uma vez que a mídia, assim como todos nós temos um posicionamento a respeito de um determinado assunto, dessa forma, a mídia pode ter um posicionamento mais ou menos próximo do meu cabendo ao cidadão decidir pelo programa que quer assistir.

Para Charaudeau (2006), as mídias têm um importante papel de transmitir informações, apesar de ser ela quem escolhe as notícias que serão divulgadas e de deformarem tais informações, para o autor isso não é proposital, uma vez que são vítimas da manipulação de instâncias maiores e estão comprometidas com o lucro, sendo assim, elas selecionam o que é lucrativo, pois seu compromisso é com o lucro e por isso não vão noticiar aquilo que ninguém tem interesse. Dessa forma, as mídias divulgam os acontecimentos que estão ocorrendo no mundo sugerindo as explicações para tais fatos, com isso proporcionam um debate entre os cidadãos.

Partindo dessa perspectiva, Charaudeau (2006) argumenta que apesar das mídias imporem suas escolhas dos acontecimentos somos nós os responsáveis pelo processo de espetacularização que ela nos propõem, a partir do momento que aceitamos o lugar de espectador. Dessa forma, o autor mostra que o poder manipulador da mídia existe em função da audiência, ou seja, ela manipula consciente e inconscientemente, sempre atuando de modo a conquistar seu público-alvo. Para Angrinani (1995) as mídias estimulam as emoções dos cidadãos através de assuntos polêmicos como violência e morte, mostrando de forma extraordinária para que as pessoas se identifiquem e a partir disso sintam-se parte da história. Para conseguir essa relação de familiaridade “a linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gírias e palavrões” (pág. 16). Dessa forma manipulando nossas sensações ao vermos ou lermos sobre uma tragédia. Segundo Angrinani (1995) a mídia utiliza de formas exageradas e extraordinárias para conseguir sua audiência, já, para Charaudeau (2006), a culpa é do público por aceitar o que a mídia lhes impõe, uma vez que não haveria espetáculo se não houvesse público.

Charaudeau (2006) esclarece ainda sobre os efeitos produzidos pela imagem, que segundo ele não são possíveis de controlar. O efeito de transparência, no qual a imagem é a reprodução fiel da realidade e o efeito de evocação, que desperta as lembranças vividas no passado. Porém, “o poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual nos é mostrada”. (Pág. 255). Dessa forma, “a imagem é, ao mesmo tempo, um testemunho da realidade em difração e um espelho de nós mesmos” (pág. 256). Logo, a imagem fornece a

sensação de verdade aos fatos, ela é uma representação do real e na mídia tem a função de trazer uma informação que o verbal não conseguiu reproduzir. Porém, para Angrinani (1995), as imagens servem para manipular as pessoas através da emoção e a partir disso conseguem um público maior.

Nesse ponto, as ideias dos dois autores são semelhantes quanto a função da imagem de colocar o telespectador envolvido emocionalmente, uma vez que a imagem é utilizada como forma de reforçar e comprovar determinado episódio. Porém, o que difere a opinião dos autores é quanto a intenção, pois para Charaudeau (2006) a mídia não tem uma verdadeira intenção de manipular através das imagens, já para Angrinani (1995), a imagem é uma das principais forma de manipulação utilizada pela mídia.

Outro ponto discutido por Charaudeau (2006) é quanto ao limite de manipulação exercida pela mídia, o qual segundo ele ocorre de duas maneiras, por um fator externo e outro interno. Quanto as pressões internas, essas levam a própria mídia a se auto manipularem a partir de suas próprias representações, uma vez que, ora as representações da mídia sobre a informação é para privilegiar a emoção sobre a razão, ora as representações são sobre si mesma, no qual se “presumem neutro do ponto de vista político, mas engajado do ponto de vista da moral social” (CHARAUDEAU, 2006, pág. 258). Para o autor, não é o jornalista quem manipula, uma vez que ele próprio é vítima da máquina manipuladora. Ou seja, as mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesma, uma vez que, a mídia visando o lucro torna-se refém do gosto da audiência e precisa oferecer o que agradará ao público.

Partindo dessa premissa, Moita Lopes (2006), no texto *Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que têm Orientado a Pesquisa*, presente no livro *Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar*, descreve a questão dos avanços tecnológicos e do desenvolvimento social simultâneos ao fator da exclusão, pois vários setores da sociedade evoluíram tecnologicamente, porém poucos tem realmente acesso a essa tecnologia, sendo isso considerada uma estratégia da mídia na sociedade, pois é ela a grande aliciadora para o mercado, fazendo das pessoas apenas “consumidores imaginários” (p. 93). Para o autor a mídia passa a ter um lugar estratégico na sociedade, no qual o espaço social é muito caro e permite que a exclusão reine. O autor relata que são sustentáculos de nossos dias, a mídia e o mercado, sendo considerados como elementos divinos.

Tendo em vista o ideário mobilizado por Moita Lopes (2006), observamos claro diálogo com as ideias de Guy Debord (2003), o qual em seu livro *A sociedade do Espetáculo* demonstra que a mídia transforma as imagens em realidade social fazendo com que as pessoas

consumam de uma forma rápida e sem pensar. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”. (DEBORD, 2003, pág. 8). O escritor e filósofo francês Debord (2003) escreveu essa obra manifesto em 1967, período no qual vários conflitos estavam acontecendo na França, no livro o autor faz referência ao espetáculo como um tipo de relação social mediada por imagens, ou seja, pela influência da mídia, no qual através dos meios de comunicação as pessoas deixam de viver a realidade e passam a viver um mundo de aparências. Nesse sentido, o espetáculo reduz as pessoas a uma mercadoria dentro da lógica capitalista voltado para o consumo. Nessa perspectiva, tanto o texto de Moita Lopes (2006) quanto de Debord (2003) dialogam com as ideias de Angrinani (1995), visto que, para ambos a mídia tem um importante papel como agente manipulador, seja através das imagens, da espetacularização das notícias ou simplesmente transformando as pessoas em “consumidores imaginários”.

Acrescente-se que, para Angrinani (1995), as mídias manipulam e para isso utilizam-se de uma linguagem “clichê” “{...}a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem editorial “clichê””. (ANGRINANI,1995, pág. 16). Ou seja, a mídia utiliza-se de uma linguagem sensacionalista com objetivo de entretenimento, transformando uma tragédia em uma notícia capaz de seduzir o telespectador fazendo com que ele passe horas na frente de uma televisão acompanhando a repercussão do fato. Para Angrinani (1995) a mídia mercantiliza a informação através da prática sensacionalista da notícia, no qual explora as emoções e o sentimento do cidadão, transformando fatos e tragédias em diversão.

Para encerrar, vale a pena salientar que, para Charaudeau (2006), não são as mídias quem supervalorizam os dramas que existem no mundo, é a própria realidade que é dramática, assim, a complexidade do mundo faz com que a mídia relate os acontecimentos de uma forma inteligível, ou seja, a mídia não revela uma nova versão do fato, ela simplesmente traz a informação para mais perto do cidadão. Charaudeau (2006) cita Pierre Bourdieu para falar sobre essa complexidade dos fenômenos do mundo que são difíceis de explicar e por isso “Quando a verdade é muito complicada, só pode ser dita de maneira complicada” (Bourdieu apud Charaudeau – 2006). Nesse sentido, “[...] quanto mais um saber é amplamente compartilhado, tanto mais ele é compreendido por uma grande quantidade de receptores e tanto menos ele informa” (CHARAUDEAU, 2006, pág. 265). Assim, ele considera que as

notícias existem de fato, não são inventadas, e o papel da mídia é repassá-las conforme o seu interesse próprio, da mesma forma que o papel do jornalista é transmitir essa informação.

Apesar do texto de Charaudeau (2006) ser bastante claro, pois seus conceitos são explicados de forma a facilitar a compreensão do texto, ele deixa algo no ar fazendo com que o leitor tire suas próprias conclusões. O autor discute as transformações e influências da mídia na sociedade, porém induz o leitor a ter um olhar mais crítico sobre o que as mídias impõem. Para ele o telespectador precisa ser capaz de saber distinguir entre um programa e outro e saber o que pretende acompanhar. Já Angrinani (1995) posiciona-se de forma a condenar os métodos midiáticos de manipulação dos fatos, uma vez que a mídia, segundo ele, não apenas manipula como também transforma fatos banais em trágicos visando apenas aumentar a audiência.